

Ensino de História: Teoria e Prática - Profª Antonia Terra C.

Dianaluz C. L. Correa nº Usp 5937178 – noturno – 1º Semestre 2011

Seqüencia Didática – A temática indígena na sala de aula – Visões da alteridade através de gravuras e crônicas dos viajantes

A sequencia didática tem por objetivo apresentar aos alunos os elementos que compuseram a imagem do indígena, ampliando a percepção sobre o que significa o 'olhar do outro' – do europeu sobre o indígena, como as civilizações nativas foram percebidas em alguns momentos da colonização da América e como este imaginário foi construído. A sugestão é que esta aula seja dada antes ou concomitantemente ao conteúdo acerca dos descobrimentos.

As imagens a serem trabalhadas pretendem inserir os alunos no debate acerca do confronto de culturas e do reconhecimento da alteridade, e compreender as implicações de como este imagético forjou a imagem do indígena que se tem atualmente. Serão utilizadas imagens de gravuristas europeus e figuras em que aparecem índios representados, bem como textos documentais que ilustram visões de uma época sobre os nativos do Brasil. As questões serão direcionadas ao aluno, buscando respostas de quem são os artistas, qual as motivações que levaram os autores a representar os nativos de determinada maneira.

Pretende-se identificar através das figuras algumas características predominantes na visão do indígena, alguns estereótipos que foram criados no âmbito da sociedade européia dos séculos XVI ao XIX. A idéia é que ao fim da seqüencia didática os alunos se deparem com uma imagem com uma representação do indígena muito presente em seu cotidiano, que é o mural na Rua da Consolação. Neste mural está desenhado um jesuíta com rosto benevolente ensinando duas crianças indígenas, retratadas com rostos humildes e com livros nas mãos. A idéia é perguntar aos alunos o que esta imagem representa, que idéias ela reforça.

Acerca da construção da imagem dos nativos pelos europeus

Os europeus ‘descobridores’ em um primeiro momento colocaram em dúvida a humanidade dos indígenas, se estes possuíam alma, se eram humanos ou animais. Esta questão era pertinente para avaliar a possibilidade de evangelização, e por outro lado, poderia ser atribuído ao nativo atributos de animalidade/bestialidade no caso de não serem dotados de alma, o que justificaria a escravidão. Ao se pronunciar-se pela humanidade do indígena, passível de cristianização, estes estariam sujeitos às mesmas leis a que estão sujeitos os europeus, e também às leis de Deus.

O conceito de ‘civilização’ esteve sempre ligado à evolução humana. Os europeus que colonizaram a América, se reconhecendo como superiores entenderam que os nativos estavam muito aquém da civilização, não apenas técnico-cientificamente, mas também espiritualmente – sem fé, sem lei e sem rei. Eram considerados ingênuos, simplórios, sem religião, acreditavam que eram tomados por influência demoníaca ao que se julgava pelos seus ritos e costumes. Optou-se por encarar o indígena como humano, mas não sem definir sua desigualdade em relação ao europeu. A diferenciação é colocada segundo uma caracterização antropológica corrente no século XVI que coloca as sociedades em diferentes estágios evolutivos, cuja referência seria a idéia de perfectibilidade humana, em progresso contínuo, classificação esta que colocava a Europa no mais alto grau de civilização. Neste entendimento os povos nativos estariam no grau zero de civilização, com o agravante do desconhecimento da fé cristã.

A missão civilizadora foi o principal argumento para a colonização das terras americanas, e seria muito pertinente em um momento em que a igreja católica perdia fiéis no contexto das reformas protestantes, e assim a cristianização seguiu acompanhada das trocas convenientes, criando a crença de que o exclusivo beneficiário da cristianização/aculturação seria o indígena, e ao Novo Mundo caberia oferecer os bens naturais valiosos à Europa. A postura predatória tomada pelos colonizadores e a visão bestializante e desvalorizadora do indígena obedeceram, no século XVI à tendência

eurocêntrica que enxergava a América reduzindo-a a visão do continente sem passado, e seus homens, como homens sem cultura.

Posteriormente, com o desenvolvimento do pensamento humanista, a interpretação acerca dos americanos vai aproximar sua imagem às concepções antigas do selvagem, no sentido de estes constituírem a representação de uma inocência perdida da civilização européia. A identificação do ameríndio nas ideologias antigas na retomada da cultura clássica romantiza a sua posição de seres fora da cultura, distantes dos males da civilização. Delineia-se, neste contexto, a crítica da sociedade que rememora antigas idéias, que convergem para a construção da imagem de um “bom selvagem”, um indivíduo despido dos males da civilização corrompida. Jean de Léry e Montagne associam a visão do bom selvagem à uma sociedade ligada à natureza, despida dos males da cultura, diferenciando-se pois da predominante concepção de que a cultura (e a religião) salvaria estes indivíduos distantes do mundo civilizado. No entanto, ainda que haja certa apologia ao “modus vivendi” do indígena, não se pode desconsiderar o ponto de partida eurocêntrico, tendo em vista que até mesmo o ponto de vista positivo em relação à alteridade, é um instrumento que serve antes à crítica da sociedade européia do que a uma caracterização dos povos nativos.

As interpretações acerca dos americanos acompanham o pensamento ocidental orientando-se cada vez mais pela corrente humanista. Desde a invasão da América as posturas tomadas em relação a tal alteridade seguirão no sentido de integrá-la ao universo europeu, num processo de aculturação. O reconhecimento do outro em sua humanidade só pôde ocorrer com uma confluência de fatores que convergiram para observação do nativo como tal, o que não implica exatamente em um reconhecimento de sua cultura, religiosidade, costumes, etc.

Algumas perguntas devem ser repetidas em todas as gravuras, levando os alunos a refletir sobre o contexto em que se inserem, o que significam, o que levou o ilustrador a retratar daquela maneira, etc. Algumas gravuras foram retiradas de livros de viajantes que passaram pelo Brasil, incluindo trechos de descrições e momentos em que se fala dos nativos da terra, a idéia é que os

alunos entrem em contato com documentos e imagens representativas, e entendam que estas imagens e relatos era tudo o que se tinha na Europa sobre estas terras desconhecidas. É importante que os alunos vejam não só o quanto o indígena era 'estranho' ao homem europeu, quanto este homem europeu dos séculos XVI, XVII é estranho a nós hoje, e assim poder formar sua opinião acerca da visão do outro – compreendendo a alteridade não como algo distante da sua realidade, mas sim muito presente, e reconhecendo a necessidade de reconhecimento desta alteridade. É importante também incitar os alunos a identificar o quanto estas imagens estão marcadas por traços europeus, de maneira a compreender que esta 'visão do outro' não é mais do que o próprio reflexo do homem europeu – que toma a si como próprio referencial. Assim, quanto aos julgamentos dos viajantes, é interessante notar como ao invés de caracterizar ao índio, o europeu caracteriza a si mesmo, através do exercício comparativo. Em sala de aula é necessário incitar também o debate acerca das visões únicas, e sobre os pontos de vista baseados em um único referencial e a trazer esta problemática para os dias atuais, em que os preconceitos se pautam por uma visão limitada e centrada em paradigmas construídos historicamente que implicam na petrificação valores que são tidos como única possibilidade aceitável.

Bibliografia:

AGNOLIN, Adone. O Apetite da Antropologia, o sabor antropofágico do saber antropológico: alteridade e identidade no caso Tupinambá. São Paulo. Ed. Humanitas. 2005.

AGNOLIN, Adone. Jesuítas e Selvagens: o encontro catequítico no século XVI. Revista de História nº 144, 1º semestre de 2001.

BERNAN, Carmem & GRUZINSKI, Serge. A História do Novo Mundo. Da descoberta à conquista, uma experiência europeia (1492-1550). Edusp, São Paulo. pp.355-432.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raizes do Brasil. 13ª edição. José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1979. pp.3-11.

MAZZOLENI, Gilberto. O planeta cultural: por uma antropologia historicamente fundada. Roma, Bulzoni, 1986. Tradução pot. De Liliana Láganà e Hylio Láganà Fernandes. São Paulo. Edusp. 1992. pp.5-57

SOUZA, Laura Mello e. O Diabo e a Terra de Santa Cruz. São Paulo. Companhia das Letras.1987. pp.21-83.

Sugestão de questões para as gravuras:

- O que está representado na imagem?
- Quem são os personagens?
- Os homens nus se parecem com índios?
- Se são indígenas, porque estes homens foram retratados desta maneira (parecendo europeus)?
- De onde foi retirado? Quem são os autores?

Sugestão de questões para os textos:

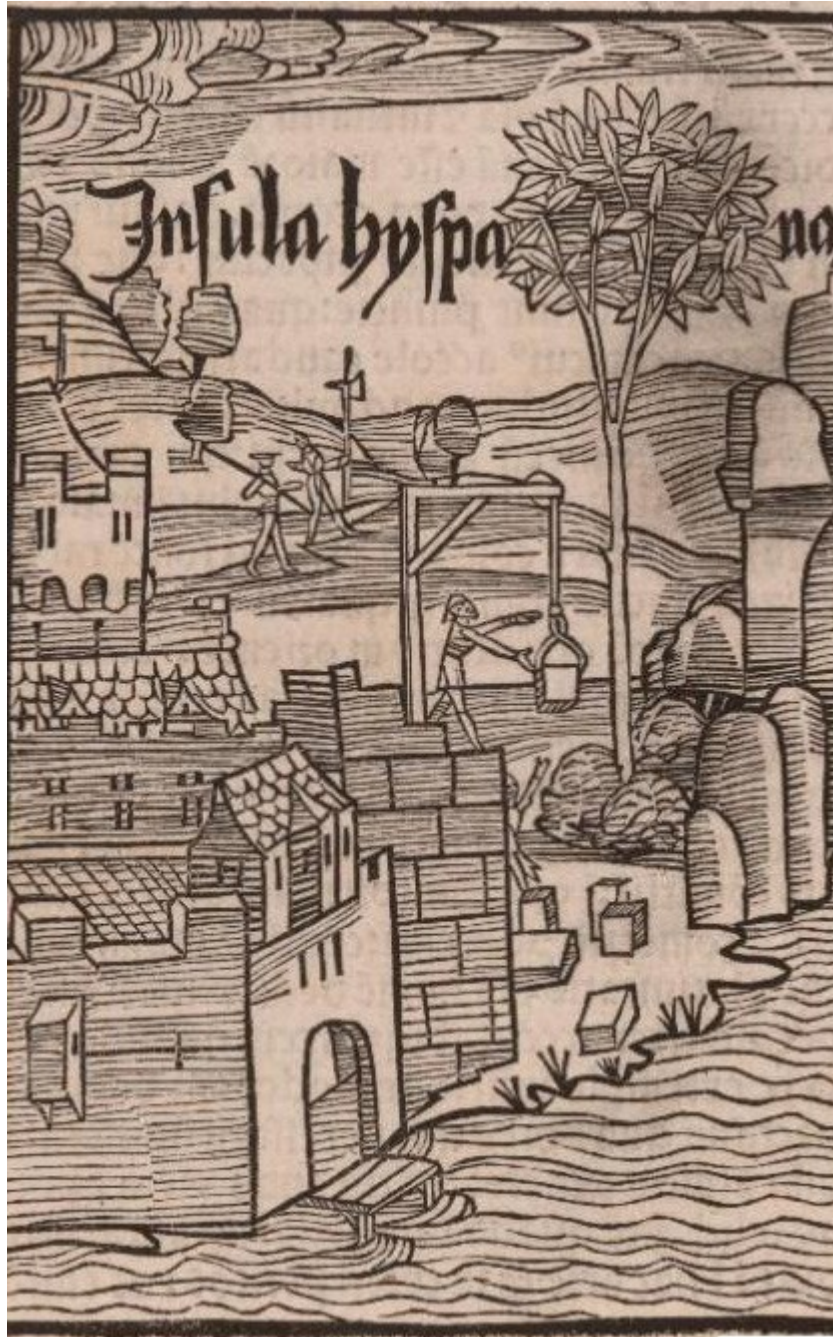
- Quem é o autor?
 - Como ele descreve os índios?
 - Qual o seu ponto de vista? O que ele acha do índio?
-



Chegada de Américo Vespúcio na América - Theodore De Bry – Openheim – Alemanha 1618

Contar para os alunos que o autor, Theodore De Bry não havia estado na América para saber como eram os índios.

Então o que estamos vendo? Isso foi obra da imaginação do autor, que desenhou diversas temáticas sobre a América a partir das crônicas e relatos de viajantes como Jean de Léry, Hans Staden, Antonio de Herrera, Sebald de Weert, Jerónimo Benzoni e o Frei Bartolomé de las Casas.



De insulis inuentis: Epistola Cristoferi Colom (cui [a]etas nostra multu[m] debet: de insulis in mari Indico nup[er] inue[n]tis

Gravura retirada da obra citada acima que quer dizer: “Relacionada a Ilhas Descobertas: Carta de Cristóvão Colombo, a Quem Nossa Geração Deve Muito, Relacionada a Ilhas Recentemente Descobertas no Oceano Índico”.

“contém algumas das primeiras imagens publicadas supostamente para mostrar o Novo Mundo, inclusive uma delas representando Colombo desembarcando em uma praia e ao fazendo contato com povos indígenas, e uma outra mostrando a construção de uma cidade. Acima

de ambas as ilustrações estão gravadas as palavras "Insula Hyspana" (Ilha espanhola). Seis diferentes versões da carta de Colombo, diferindo sutilmente umas das outras, foram publicadas entre 1493-94 e ajudaram a espalhar a notícia de sua viagem por toda a Europa."

Biblioteca Digital Mundial



Folha de Rosto do livro : Verdadeira História e Descrição de um País na América, cujos habitantes são Canibais Selvagens, Nus e Sem Deus , 1595. Hans Staden.



Dois Chefes Tupinambás com os Corpos Adornados por Plumas - ilustração do livro "Duas Viagens ao Brasil" de Hans Staden (1557)

Trecho para ler com os alunos:

“Ao entrarmos nas cabanas, um dos meus guardas avançou e gritou com voz forte, para que todos o ouvissem: "Aqui trago o escravo, o português", pensando que era coisa muito boa ter o inimigo em seu poder. E falou muitas coisas mais, como é de costume, conduzindo-me até onde estava o rei sentado, bebendo com os outros, e estando já embriagados pela bebida que fazem, chamada Kawy. Fitaram-me desconfiados e perguntaram: "Viestes como nosso inimigo?" Respondi: "Vim, mas não sou vosso inimigo". Deram-me então a beber. Já tinha ouvido falar muito do rei Konyan-Bébe, que devia ser um grande homem, um grande tirano, para comer carne humana. Fui direto a um deles, que eu pensava ser ele, e lhe falei tal como me vieram as palavras, na sua língua, e disse: "És tu Konyan-Bébe, vives ainda?" "Sim", disse ele, "eu vivo ainda". Então repliquei: "Tenho ouvido falar muito de ti e que és um valente homem". Com isto, levantou-se e, cheio de si, começou a passear. Trazia ele uma grande pedra verde

atravessada nos lábios, como é costume deles. Fazem também rosários brancos de uma espécie de conchas, que é o seu enfeite. Um destes, tinha-o o rei ao pescoço, e era de mais de seis braças de comprido. Por este enfeite vi que ele era um dos mais nobres.“

Viagem ao Brasil, Hans Staden, 1547. Martin Claret - PDL – Projeto Democratização da Leitura.

Hans Staden nasceu em Hesse, Alemanha, entre 1525 e 1528. Ele fez sua primeira viagem ao Brasil em 1547-48, servindo como artilheiro em um navio Português. Em 1550, ele se juntou à uma expedição espanhola para o Rio da Prata, mas foi vítima de um naufrágio e acabou sendo capturado pelos índios Tupinambás, que eram conhecidos como canibais que devoravam seus prisioneiros. Através de vários meios, Staden conseguiu evitar ser morto, porém passou nove meses como prisioneiro dos Tupinambás. Em fevereiro de 1555, ele escapou para um navio francês. Ele retornou à sua Alemanha natal onde, em 1557, publicou um relato chocante de suas aventuras e sua vida entre os Tupinambás. O livro de Staden transformou-se instantaneamente em best-seller, e foi reimpresso várias vezes em alemão e traduzido para o holandês, o latim e o francês. Esta edição, publicada em Amsterdam em 1595, é uma das muitas edições publicadas em holandês entre 1558 e 1736. O trabalho de Staden contém desenhos e descrições detalhadas das aldeias Tupinambás, da comida, da fabricação de cerâmica e outros artefatos, da religião, costumes matrimoniais e práticas políticas. O livro é considerado, por muitos estudiosos, como uma fonte principal importante para o estudo da cultura Tupinambá, atualmente extinta.



Índios Carijó, gravura de Ulrich Schmidl, 1559.

“Depois disto tivemos que deixar a estes Aygass e chefamos a uma outra nação, chamada Caries (Carios - Carijós), estão a 50 milhas de caminho dos Aygass; allí Deus, ele que tudo pode, nos deu sua santa benção, porque estes Carios tinham trigo turco ou meys (maíz – milho) y manndeochade (mandioca), padades (batatas), manndeos perroy, mandeporre, manduris (manduvis), vachgekhue, também pescados e carne, cervos e chanchos de monte, avestruzes, ovelhas da terra (guanacos), carneiros, galinhas e gansos; também tem mel, do qual se faz vinho em muita abundância, e tem muitíssimo algodão na terra”

“A terra destes Caríos é de muita extensão, quase 300 milhas de comprimento elargura, são homens baixinhos de espessura e mais capazes de servir a outros .Iten os vartões tem no lábio uma agulha pequena em que metem um cristal amarelo, que na língua deles se chama parabot (barbote), de dois jemes de comprimento e largura como o canudo de uma pluma. Esta gente, homens e mulheres, andam

em couros vivos, tal como Deus os trouxe ao mundo. Entre estes índios o pai vende a filha, igualmente o marido à mulher, e se esta não gosta, também o irmão vende ou troca a irmã; uma mulher custa uma camisa, ou um 'cuchillo' de cortar pão, u um anelzinho ou qualquer outra quiquilharia para o estilo.”

“Estes Carios também comem carne humana quando se oferece, quer dizer, quando pelejam e tomam algum inimigo, seja homem ou mulher, e como se bicam os porcos na Alemanha, assim se bicam eles aos prisioneiros, mas se a mulher é linda e jovem, a conservam um ano mais, e se durante este tempo não alcança a encher-lhes o gosto, a matam e a comem, e com ela fazaem festa solene, ou como se fosse para um casamento; mas se a pessoa é velha, a fazem trabalhar na lavoura até a morte.”

Viaje al Río de la Plata, 1534-1554 Ulrich Schmidel ; notas bibliográficas y biográficas por Bartolomé Mitre ; prólogo, traducción y anotaciones por Samuel A. Lafone Quevedo. – tradução livre do texto em espanhol.

Disponível em Open Library – [HTTP://openlibrary.org](http://openlibrary.org).



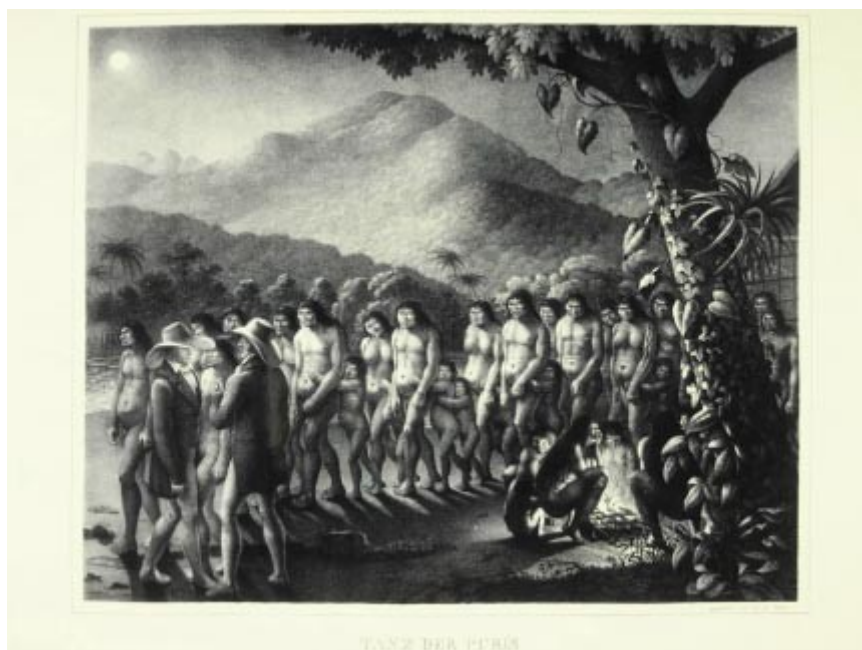
"Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil", 1578
Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Texto para ler com os alunos:

“Quanto à sua cor natural, apesar da região quente em que habitam, não são negros; são apenas morenos como os espanhóis ou os provençais. Coisa não menos estranha e difícil de crer para os que não os viram, é que andam todos, homens, mulheres e crianças, nus como ao saírem do ventre materno. Não só não ocultam nenhuma parte do corpo, mas ainda não dão o menor sinal de pudor ou vergonha. Não são como alguns imaginam e outros o querem fazer crer, cobertos de pêlos ou cabeludos. Ao contrário. Têm pêlos como nós, mas apenas lhes repontam pêlos em qualquer parte do corpo, mesmo nas pálpebras e sobrancelhas, arrancam-nos com as unhas ou pinças que lhes dão os cristãos, e tal como fazem, ao que se diz, os habitantes da ilha de Cumuna, no Peru. Aliás o fato de arrancá-los das pálpebras e

sobrancelhas torna-lhes a vista zarolha e feroz. Entretanto, os nossos tupinambás excetuam os cabelos, que nos homens são desde a juventude tosquiados bem rentes na parte superior e anterior do crânio, como uma coroa de frade, e na nuca à moda dos nossos antepassados ou dos que deixam crescer a cabeleira aparando os pêlos do pescoço.”

Léry, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Edusp, 1980.



Tanz der Puris. Desenhista: Van de Velden. (Dança dos Puris), SPIX, Johann Baptist von, 1781-1826; MARTIUS, Carl Friedrich Philip von, 1794-1868. *Atlas zur Reise in Brasilien*. München: Gedruckt bei M. Lindauer, 1823(?). – Esta é uma das gravuras desaparecidas da Biblioteca Mário de Andrade.

Neste quadro estão retratados, além dos índios puri em sua dança, Joahann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius que escreveram o livro **Reise in Brasilien** (Viagem pelo Brasil), quando por aqui estiveram entre 1.817 e 1.820.

“O cientista alemão Martius, que era botânico e seu colega Spix, que era zólogo manifestaram, em diferentes momentos, a sua admiração pela “infalível memória” dos índios da família lingüística Puri, reconhecendo o profundo saber que possuíam e o sofisticado sistema de classificação que elaboraram: “Eles (os índios Puri) sabiam designar quase que todos

os animais, todas as árvores, todas as ervas do mato, com o nome próprio e davam informações minuciosas sobre a utilidade de cada um”. As palavras usadas nas línguas indígenas para designar animais e plantas foram consideradas pelos dois cientistas como sendo de “grande exatidão” e tão expressivas que permitiam ver facilmente “o parentesco das coisas da natureza entre si”. Os dois cientistas elogiaram a capacidade de observação e o conhecimento completo que esses índios possuíam sobre as propriedades físicas e químicas de seu ambiente botânico, confessando que aprenderam muito com a ciência indígena: “a denominação dada pelos índios a diversos macacos e a certas palmeiras foi para nós um guia na investigação dos gêneros e espécies, pois quase cada espécie tem um nome indígena próprio”.

Aldeamentos indígenas no Rio de Janeiro, FREIRE, José Ribamar Bessa; MALHEIROS, Márcia Fernanda. EDUERJ, Rio de Janeiro: 2010.

Disponível em: <http://www.taquiprati.com.br/arquivos/pdf/Aldeamentos2aedicao.pdf>



- O que representa a imagem?
- O que aconteceu com este muro?
- O que representa as manchas vermelhas?
- Alguém conhece o filme Senhor dos Anéis? O que é 'orc' neste filme?

Além de todas as intervenções, havia também a inscrição: São Paulo - 450 de exploração e assassinato. Em comemoração aos 450 anos de São Paulo.
